

Caracterização do público brasileiro de ouvintes de *podcasts* e suas interfaces com a educação

Resumo

Com o rompimento do paradigma tradicional para um paradigma emergente, as formas de conhecimento e ciências tornam-se muito mais democráticas. As TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) são exemplos de formas de conhecimento a partir deste novo paradigma, e uma TIC que se destaca por seu potencial educativo e democrático é o *podcast*. Desta forma, a pesquisa objetiva caracterizar a população brasileira de ouvintes de *podcasts*, relacionando essa caracterização com as possibilidades educacionais deste. Este objetivo é atingido por meio de metodologia documental. De maneira geral, a população ouvinte de *podcasts* pertence a grandes comunidades virtuais, é masculina e encontra-se no Ensino Superior, sendo ouvintes por mais de quatro anos. Destaca-se o crescimento do interesse desta população pelos assuntos de educação, história e política.

Palavras-chave: educação; TIC; *podcast*.

Wesley Kozlik Silva

Centro Universitário Uniguairacá
– Guarapuava/PR – Brasil
weskozlik@hotmail.com

Graziella Medeiros Guadagnini

Universidade Estadual do
Centro-Oeste – UNICENTRO –
Guarapuava/PR – Brasil
grazibetina@hotmail.com

Jamile Santinello

Universidade Estadual do
Centro-Oeste – UNICENTRO –
Guarapuava/PR – Brasil
jamilesantinello@gmail.com

Para citar este artigo:

SILVA, Wesley Kozlik; GUADAGNINI, Graziella Medeiros; SANTINELLO, Jamile. Caracterização do público brasileiro de ouvintes de *podcasts* e suas interfaces com a educação. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 246-265, set./dez. 2021.

DOI: 10.5965/1984723822502021246

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723822502021246>

Characterization of the Brazilian public of podcast outstanding and interfaces with education

Abstract

With the break from the traditional paradigm into an emerging paradigm the forms of knowledge and science become much more democratic. Information and Communication Technologies (ICT) are examples of forms of knowledge based on this new paradigm, and an ICT that stands out for its educational and democratic potential is podcast. In this way, the research aims to characterize the Brazilian population of podcast listeners, relating this characterization to the educational possibilities of the podcast. This objective is achieved through documentary methodology. In general, the podcast listener population belongs to large virtual communities, is male and is in Higher Education, being listeners for more than four years. The growth of the interest of this population for the subjects of education, history and politics stands out.

Keywords: education; ICT; podcast.

Introdução

Este trabalho trata de um recorte do aspecto teórico de uma dissertação que apontou dados importantes sobre a assimilação de uma Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) denominada *podcast*, pela população brasileira, além de sua utilização como ferramenta educacional.

Com o rompimento do paradigma tradicional para um paradigma emergente, as formas de conhecimento e ciências tornam-se muito mais democráticas e passíveis de equidade, como, por exemplo, a evolução da Internet em que se pode fazer um paralelo diretamente ligado à teoria do paradigma emergente. Ou seja, Moraes (1997, p. 75) considera que “de uma base sólida do conhecimento estruturada em blocos rígidos, constituída de leis fundamentais, passamos para a metáfora do conhecimento em rede, significando uma teia onde tudo está interligado.”

Como resultado de um conhecimento interligado, não há nenhuma hierarquia ou alicerce a respeito do conhecimento, pois nada mais é imutável, fundamental e fixo. “Isso significa que não existe uma ciência, ou uma disciplina, que esteja acima e outra abaixo, que não há conceitos em hierarquia ou algo que seja mais fundamental do que qualquer outra coisa” (MORAES, 1997, p. 75).

Castells (2005) aponta que no sistema de redes o paradigma da tecnologia da informação é flexível, e as organizações e instituições podem ser alteradas de maneira fundamental devido à reconfiguração de componentes; essa reconfiguração e fluidez organizacional é característica também da sociedade atual.

A disponibilidade de conhecimento de forma flexível permite a aprendizagem de maneira interativa, para que o sujeito, no decorrer das interações com objetos e o meio, possa construir experiências e ser construído pelas mesmas. Moraes (1997, p. 99) indica que “um sistema aberto significa que tudo está em movimento, é algo que não tem fim, em que início e fim não são predeterminados [...] o que faz com que o crescimento ocorra em espiral.”

A Internet como meio que possibilita a disseminação de informação segue esses ideais do paradigma emergente, proporcionando o surgimento de um fenômeno cultural que ocorre exclusivamente em seus domínios, a Cibercultura. O termo é definido por Lévy

(1999, p. 17) como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” Por sua vez, o ciberespaço seria, para Levy (1999, p. 17), “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores [...] não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga.” Nota-se, que os dois conceitos são interdependentes. Portanto, ao se relatar sobre um, não se pode excluir o outro da situação.

Criado, portanto, esse ciberespaço e ocupado rapidamente pela cibercultura, observam-se os componentes básicos da cibercultura, que seriam a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva¹. No entanto, seria a interconexão o motor do ciberespaço, já que ela produz uma humanidade sem fronteiras e tece um universo pelo contato (LÉVY, 1999).

A interconexão seria como que o oposto do isolamento (LÉVY, 1999). A propósito, o isolamento praticamente não existe dentro da rede, mesmo que a interação não seja com outro humano, mas com o computador. Lévy (1999, p. 127) sugere que cada ser e até as máquinas deveriam ter o seu endereço na Internet, tornando o espaço (físico) em um canal interativo, e “a cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada.”

No tocante às comunidades virtuais, que seriam o segundo princípio da cibercultura, pois se apoiam na interconexão, estas são construídas baseadas em comuns interesses, projetos, conhecimentos para fins de cooperação ou troca, independentemente de filiações institucionais ou localizações geográficas (LÉVY, 1999). Essas comunidades dispunham de um título como interesse principal dos seus membros, porém adentrando às comunidades, havia fóruns de discussão de diversas ramificações sobre o assunto principal, assim como fóruns também exclusivamente para a interação dos membros, ainda que sem um objetivo explícito.

¹ Para Lévy (1999), a inteligência coletiva é um dos constructos gerados no ciberespaço por meio da cibercultura, e diz respeito ao conhecimento construído e aprimorado disponível em rede para todo o globo.

Acerca das comunidades virtuais, Lévy (1999, p. 130) considera que “o apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato”.

O terceiro componente básico e bastante significativo para essa pesquisa é a inteligência coletiva, que seria a finalidade última da cibercultura. Porém esse componente constitui um campo muito mais de interrogações do que de respostas. Essas interrogações giram principalmente em torno das possibilidades de individualização ou coletivização, ambas possíveis na cibercultura e que geram efeitos inversos na sociedade (LÉVY, 1999).

Percebe-se que as novas formas de conhecimento e a sua relação com a cibercultura apontam para um aspecto democrático de se chegar ao conhecimento através da rede, porém deixam problemas a serem resolvidos exatamente acerca de como organizar esse conhecimento, como facilitar a comunicação exata do que se procura.

Uma proposta para a organização desse conhecimento parece estar no documento *Information and Communications Technology in UK Schools: an independent inquiry* organizado por Dennis Stevenson (1997). Nele, Stevenson (1997) conclui que se o governo inglês não intensificasse o uso das TIC nas escolas, haveria uma série de desvantagens, para as crianças e para uma geração inteira de adultos e professores, que dificilmente serão revertidas.

No documento, Stevenson (1997) aponta que os objetivos do uso dessa ferramenta são dar aos jovens a confiança para o uso pelo menos básico das TIC na sua experiência de aprendizagem, aos professores a confiança e competência de utilizá-las em vários aspectos de seu trabalho e que, em dez anos, as TIC permeassem a totalidade da educação assim como acontece na sociedade geral. Para atingir esses objetivos, o autor considerava que o governo era parte muito importante nesse processo e deveria se comprometer firmemente com esse propósito, pois não havia uma solução fácil para atingir esses objetivos.

Podem-se entender como TIC as variadas interações entre *hardware* e *software* que oferecem aplicações para a sociedade, observando que TIC e computadores não são a mesma coisa, embora elas necessitem de computadores para funcionar, um elemento importante para sua diferenciação do computador é o *software* ou programa (YONEZAWA, 2013). O *software* é de extrema importância, pois é um aglomerado de instruções que determinam o que um computador irá realizar, ou seja, é o meio de relação entre os dispositivos eletrônicos e o humano. Para Yonezawa (2013, p. 30) “qualquer equipamento catalogado como TIC usa *software*, desde um computador pessoal, o *modem* que liga o computador à internet, ou mesmo um grande equipamento [...] que direciona o tráfego de dados na rede.”

A forma urgente que Stevenson apontava para o uso das TIC na educação no Reino Unido é a mesma que hoje recai sobre vários países, inclusive o Brasil. É quase impossível imaginar uma vida urbana contemporânea sem a utilização de ao menos uma TIC, até mesmo as pessoas que não tomam consciência dos processos a que estão sujeitas como, por exemplo, o controle de tráfego por meio de semáforos sincronizados (MEDEIROS, 2007).

Por outro lado, há significativo problema principalmente em nível econômico para países mais pobres com relação ao acesso a essas tecnologias. Como superar essa situação é um grande desafio. Países chamados desenvolvidos estão demonstrando que o acesso à informação pelas pessoas é um fator importante na melhoria de suas vidas e também de maneira coletiva, pois torna a educação democratizada (MEDEIROS, 2007).

Deve-se ponderar a sugestão de Stevenson, mas também levar em consideração que não há uma solução fácil para atingir a democratização da educação no Brasil. Dessa forma, “qualquer nação que pretenda uma posição menos subalterna na complexa estrutura mundial precisa enfrentar corajosamente as questões do acesso à informação e da educação da população como um importante fator de mudança” (MEDEIROS, 2007, p. 27).

Além disso, a mera apropriação, por parte da sociedade, de conteúdos digitais simplesmente não pode garantir um significativo uso dessas tecnologias para fins pedagógicos. Daí a importância de formar adequadamente professores para o uso das TIC (ALMEIDA, 2012). A partir disso, percebe-se que as aplicabilidades das TIC podem ser

infinitas, mas ainda precisam ser lapidadas para sua utilização na educação. Uma série de pesquisas disponíveis em periódicos, livros e todo tipo de material disponível na Internet vêm mostrando algumas aplicabilidades, inclusive na educação. São essas pesquisas que darão base para o bom uso pedagógico das TIC na educação.

Rolim (2013) apresenta uma pesquisa realizada em uma sala de sétimo ano acerca da aprendizagem de conteúdos da matemática a partir de jogos eletrônicos. O autor, acompanhado por uma professora, aplicou três jogos educativos (um relacionado a operações com números inteiros, outro de operações com frações e o terceiro sobre o plano cartesiano) para os alunos e, posteriormente, coletou dados por meio de entrevistas com alunos e professores. Os resultados indicaram que o uso de jogos eletrônicos em sala pode ser considerado como contribuinte na obtenção de conhecimentos, fato apontado tanto pelos alunos como pela professora, além de serem geradores de interesse para disciplinas com as quais os alunos não tinham afinidade.

O “Web currículo”, conceito apresentado por Almeida (2011), supõe que as tecnologias devem passar a compor os currículos, deixando de ser apêndices em suas participações curriculares, mas orientando-se para uma integração com as competências descritas nesse currículo.

O uso da ferramenta fotográfica é abordado em pesquisa realizada por Campanholi (2014), na qual afirma que a fotografia oferece técnicas para produzir conhecimentos e desenvolver os olhares de alunos de todos os níveis de educação. A autora afirma que é possível utilizar as técnicas de fotografia para além da simples ilustração, fornecendo aos alunos possibilidades para a interpretação das quantidades de imagens que circulam pelo mundo hoje.

Segundo Bento e Cavalcante (2013), o celular também pode ser utilizado em sala de aula, auxiliando o aprendizado. As autoras realizaram uma pesquisa em uma escola acerca do perfil e da utilização de celulares por professores e, em seguida, a possibilidade de utilização em sala de aula. O perfil dos professores era bastante equilibrado, havendo alguns que já trabalhavam entre dez a vinte anos na docência, outros de cinco a dez anos e ainda outros, há menos de cinco anos. Todos possuíam celulares, porém 71% dos professores não permitiam que os alunos fizessem uso dos aparelhos em sala de aula. No entanto, quando questionados a respeito das possibilidades de utilização pedagógica do

celular, 86% dos professores apontaram que existe essa possibilidade; assim, as autoras consideram que é necessário rever a organização das atividades pedagógicas para dar espaço à utilização do celular em sala de aula.

Percebe-se que, diferente de outros usos das TIC, a sua aplicação no espaço educacional não se resume meramente na introdução dessas tecnologias no espaço estrutural, o que remeteria a um uso apenas instrumental e pertencente a um paradigma tradicional, mas à construção, discussão e diálogo sobre a real aprendizagem a partir das TIC (VIEIRA, 2011). Desta forma, objetiva-se, por meio desta pesquisa, caracterizar a população brasileira de ouvintes de *podcasts*, relacionando esta caracterização com as possibilidades educacionais dessa TIC. Para tal, necessita-se uma breve retomada do conceito e do surgimento do *podcast*.

O *podcast*

TIC ainda pouco difundida e pouco utilizada no Brasil em comparação com outras, mas que teria esse potencial de discussão, construção e diálogo é o chamado *podcast*. Este surgiu no fim de 2004, como uma forma de publicar áudios na internet. O termo é uma junção entre o *iPod*² e *broadcasting*³. Embora esse termo já tenha sido popularizado, pode não ser considerado como preciso, pois não é necessária a posse de um *iPod* para a reprodução de um *podcast*; este pode ser reproduzido em qualquer aparelho que toque MP3⁴ e não se trata exatamente de um *broadcast*, mas um *Webcast* (LEMOS, 2005).

Há semelhanças entre o formato de programas de rádio e o *podcast*, embora autores como Medeiros (2006) o considerem como antípoda ao rádio. Em suma, o *podcast* é um sistema de produção de arquivos de áudio em um computador e, posteriormente, sua difusão na internet, em *sites* ou *blogs* que permitam essa divulgação (LEMOS, 2005). “Embora existam *podcasts* destinados apenas à veiculação de músicas, a maioria daquelas produções realiza-se por meio de falas dos participantes, promovendo

² Tocador de MP3 da marca Apple.

³ É um sistema de propagação de informações em grande escala.

⁴ Seria a sigla para *MPEG Audio Layer-3*. Um arquivo de áudio que corta as ondas não audíveis pelos humanos a fim de diminuir o tamanho do arquivo.

exposições de conteúdos [...] ou debates informativos sobre temas dos mais diversos” (FREIRE, 2015, p. 1038).

O primeiro *site* que abrigava a distribuição de *podcasts* era chamado *PodShow*⁵, administrado e criado em janeiro de 2005 pelo ex-VJ⁶ da MTV Adam Curry, também inventor do *podcast*. Adam Curry permaneceu no *PodShow* até 2007, ano em que passou a dividir a mediação de um outro *podcast*, denominado *No Agenda Show*⁷ com John C. Dvorak (CURRY, 2018).

Quando Curry concebeu a ideia do *podcast*, seu intuito era oferecer ao público uma forma personalizada, diferente da programação reiterativa das rádios convencionais, em que as pessoas poderiam escolher o que ouvir e em que momento ouvir (MEDEIROS, 2005). Até então, Curry não havia criado algo inovador, pois em 2004 já havia a publicação de áudios na internet para serem baixados. Porém, ele queria criar uma periodicidade de visitas em seus *podcasts* de modo que os usuários fossem avisados quando houvesse um novo *podcast* disponível para ser baixado. Dessa forma, com a ajuda de diferentes programadores, Curry criou o *Ipodder*, que utiliza a tecnologia *Real Simple Syndication* – RSS⁸ (VANASSI, 2007).

Dessa forma, no conceito de *podcast* também está inserido o recurso RSS – que é um recurso de distribuição automática de arquivos – que, quando agregado pela escolha de um usuário, permite que este possa ouvir o *podcast* diretamente do *site*, sem necessidade de baixar por completo para depois ouvir. Esse recurso também avisa o usuário quando há algum novo episódio disponível para ser ouvido de acordo com escolhas predeterminadas por este (PAULA, 2010). O modelo criado por Curry pode ser classificado como “metáfora”, pois apresenta características próximas ao modelo convencional de um programa de rádio contendo um “locutor/apresentador, blocos musicais, vinhetas, notícias, entrevistas, etc.” (MEDEIROS, 2006, p. 5). Medeiros (2006) ainda considera a existência de mais três formatos de *podcast*, o “editado”, o “registro” e o “educacional”, que são descritos adiante.

⁵ Disponível em: <<https://www.podshow.com/>>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

⁶ Abreviação de Vídeo Jockey, espécie de âncora de TV que apresenta um programa que geralmente envolve músicas e clipes.

⁷ Disponível em: <<http://www.noagendashow.com>>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

⁸ Formato de distribuição dos arquivos de áudio em tempo real, ou seja, pode-se ouvir enquanto baixa.

No caso do editado, ele “surgiu como uma alternativa para aqueles ouvintes que perderam a hora do seu programa favorito, mas ainda desejam ouvi-lo” (MEDEIROS, 2006, p. 5). Ou seja, algumas emissoras de rádio costumam editar seus programas transmitidos em tempo real, disponibilizando-os em seus *sites* para que o ouvinte possa baixá-lo e ouvi-lo na sequência.

Quanto ao modelo registro, também conhecido como “audioblog”, é o que possui maior variação em termos de conteúdo. Nele é possível encontrar desde comentários sobre tecnologia, sermões e até desabafos (MEDEIROS, 2006). O modelo educacional é o mais recente e tem por objetivo disponibilizar aulas em formato continuado. “Algumas experiências estão sendo testadas por professores que utilizam essa ferramenta como uma forma de disponibilizar aulas ministradas ou uma como forma de reposição” (MEDEIROS, 2006, p. 6). Cada modelo possui uma pauta e assuntos específicos que geram as discussões nos *podcasts*, porém, as formas de produção e distribuição seguem geralmente um mesmo padrão.

Metodologia

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados por meio de um método de pesquisa documental, que se parece com a pesquisa bibliográfica, porém se vale de um material que ainda não foi analisado e as fontes são muito mais diversificadas (GIL, 2002). De acordo com Lakatos e Marconi (2003), as fontes de documentos podem ser divididas em arquivos públicos, arquivos particulares e fontes estatísticas. Esta última é a fonte que esta pesquisa utiliza, pois, trata das características de uma população que recebe tratamento estatístico, ou seja, idade, sexo, escolaridade, entre outros.

As fontes utilizadas para esse objetivo foram os resultados quantitativos das quatro pesquisas que caracterizam o público brasileiro de ouvintes de *podcasts*. A primeira pesquisa foi realizada em 2008, havendo outra em 2009, mais uma em 2014 e a última em 2018, dando um panorama de dez anos para a caracterização dos ouvintes de *podcasts* no Brasil. Todas elas são apresentadas no site⁹ da Associação Brasileira de *Podcasters* - ABPOD. Os resultados dessas pesquisas já se encontram organizados em

⁹ <http://abpod.com.br/podpesquisa/>.

formato de gráficos e tabelas, porém sem qualquer discussão ou análise dos dados. O que se fez neste trabalho foi uma reorganização através de categorias e, aí sim, uma discussão relacionada ao potencial educativo desta ferramenta.

As categorias utilizadas para a apresentação dos resultados foram obtidas a partir da pesquisa de 2014, que se apresentavam melhor distribuídas, a saber: dados demográficos, escolaridade, descoberta do *podcast*, tempo de ouvinte, horas semanais dedicadas, atenção dedicada, nacionalidades dos *podcasts*, tipo de *podcasts* mais escutados e tempo ideal de um *podcast*. Algumas das categorias não estavam presentes em outras pesquisas e outras foram unificadas por área de conhecimento, principalmente os referentes aos tipos de *podcasts* mais escutados.

Resultados e discussão

A distribuição de *podcasts* é realizada por meio da postagem em um *site* ou *blog* para ser baixado pelos ouvintes. O *site* Associação Brasileira de Podcasters - ABPOD realizou quatro pesquisas sobre a demografia e as formas de adesão dos brasileiros aos *podcasts*. A pesquisa de 2008 (organizada por Marcelo Oliveira) foi respondida por 436 pessoas, enquanto que a de 2009 (organizada por Marcelo Oliveira, Ronaldo Ferreira e Fernando Henrique) foi respondida por 2.487 pessoas; a feita em 2014 (organizada por Eduardo Sales Filho, Gabriel Toledano, Leo Lopes e Ronaldo Ferreira), foi respondida por 16.197 pessoas e a mais recente, feita em 2018 (organizada pela ABPOD e pela rádio CBN) foi respondida por 22.993 pessoas (ABPOD, 2018).

O número de pessoas que responderam às pesquisas ao longo do tempo mostra a adesão dos brasileiros ao *podcast* e que seu uso é cada vez mais frequente, o que justifica pesquisas com esta ferramenta em cada vez mais áreas de desenvolvimento humano. Outros dados significativos acerca da distribuição e utilização do *podcast* no Brasil foram computados pelo Podpesquisa e serão apresentados na tabela 1 para melhor visualização.

Tabela 1 - Pesquisas sobre a distribuição e utilização de podcasts por brasileiros

Pergunta	Categoria	2008	2009	2014	2018
Dados demográficos	Ouvintes sexo feminino	9,1%	11,78%	12,69%	15,3%
	Ouvintes sexo masculino	90,9%	88,22%	87,31%	84,1%
	Outro gênero	-	-	-	0,6%
	Média de idade em anos	18 a 35	24	25	30 a 39
	Região sudeste	66,1%	57,62%	57,1%	56,7%
	Região sul	16,7%	16,2%	19,1%	16,9%
	Nordeste, centro-oeste, norte	17,2%	18,33%	21,84%	23,3%
	Exterior e outros	-	7,84%	1,96%	3,1%
Escolaridade	Universidade ou superior	77,3%	69,88%	70,03%	90,6%
	Escola técnica	8,8%	9,25%	9,82%	2,6%
	Ensino Médio	13%	19,62%	18,15%	5,4%
Descoberta do podcast	Mídia online	73,3%	58,3%	53,27%	55,5%
	Recomendação	14,2%	31,72%	35,51%	37,1%
	Outros	8%	8,44%	9,99%	6,4%
	Mídia tradicional	4,3%	1,53%	1,23%	1%
Tempo de ouvinte	Menos de 1 ano	34%	35,22%	13,32%	10,4%
	Entre 1 e 2 anos	31%	35,23%	25,87%	13%
	Entre 2 e 3 anos	35%	16,28%	22,28%	13,5%
	Entre 3 e 4 anos	-	7,76%	13,73%	12,1%
	Mais de 4 anos	-	5,51%	24,8%	51%
Horas semanais dedicadas	Média estimada	3 h	7h	8h	14h
Atenção dedicada	Atenção dividida	-	56,69%	55,95%	34,7%
	Alto grau de atenção	-	32,25%	28,84%	64,5%
	Áudio de fundo	-	10,05%	15,22%	0,9%
Nacionalidade dos podcasts	Nacional	55,1%	77,28%	73,46%	62%
	Maioria nacional	27,6%	15,72%	17,53%	29,5%
	Equilibrado	3,8%	2,17%	1,7%	5,6%
	Maioria internacional	11,3%	4,83%	6,74%	1,8%
	Internacional	2,3%	-	0,57%	0,2%
Tipos de podcasts mais escutados	Humor e entretenimento	61,9%	81,6%	86,3%	65%
	TV, entrevistas e cinema	50,6%	52,87%	68,66%	64,5%
	Games	-	46,84%	62,42%	45,4%
	Tecnologia	83,2%	51,03%	59,44%	51,2%

	Ciências	17,8%	12,67%	42,27%	52,3%
	Música	31,6%	28,27%	29,11%	23,6%
	Notícias e política	34,1%	14,23%	21,05%	41,9%
	História e Educação	15%	9,85%	19,03%	52,6%
	Negócios	-	9,85%	16,79%	17,1%
	Espiritualidade e religião	4,8%	7,4%	13,77%	10,2%
	Esportes	10,5%	7,36%	13,03%	25,1%
	Saúde e medicina	-	4,3%	10,99%	17,3
Tempo ideal de um podcast	Até 30 minutos	34,9%	11,22%	8,85%	4,5%
	Entre 30 e 60 minutos	29,5%	45,15%	32,05%	25,1%
	Entre 60 e 90 minutos	35,6%	34,74%	11,56%	41,6%
	Mais de 90 minutos	-	8,89%	47,55%	28,7%

Fonte: Tabela organizada pelos autores, 2019. Disponível no site <<http://abpod.com.br/podpesquisa>>.

Vê-se nos dados demográficos que os ouvintes do sexo masculino são a maioria na audiência dos *podcasts*, porém ouvintes do sexo feminino apresentaram aumento (6,2%) entre os anos da pesquisa, o que pode ser importante para a diversificação de temas nos *podcasts*. A média das idades varia de 18 a 39 anos nas pesquisas e a região em que mais se escutam *podcasts* é a região sudeste, porém, com importante aumento de audiência nas outras regiões, indicado na última pesquisa.

Com relação à escolaridade, a maior concentração de ouvintes encontra-se na Universidade, ou acima, o que justifica a utilização do *podcast* no Ensino Superior. Em 2014, embora os outros níveis de escolaridade tenham números significativamente menores com relação à audiência de *podcasts*, somadas elas apresentam 29,97% da audiência dos *podcasts*, o que o torna um número mais significativo. Em 2018, a escolaridade que detém o maior número de ouvintes é do Ensino Superior, o que pode indicar que parte dos ouvintes de 2014 acabou por entrar ou até por se formar na Universidade, aumentando consideravelmente a porcentagem desse grupo.

Esses dados coincidem com as pesquisas que trabalham com *podcasts* no Ensino Superior (CARVALHO, 2008; PAULA, 2010; VALENTE, 2014), demonstrando a eficiência e utilidade desse recurso para essa modalidade. Porém, faz-se necessário reforçar essa cultura em níveis escolares diferentes, por exemplo, através do incentivo da produção do

podcast, como indica Freire (2015) em sua pesquisa acerca dos potenciais cooperativos do *podcast* escolar. Nela, o autor desenvolve parâmetros para a utilização do *podcast* na educação formal, considerando que este pode dar conta tanto de temas curriculares quanto de extracurriculares.

A partir dos dados expostos acerca de como os usuários chegaram aos *podcasts*, a grande maioria, nos quatro anos pesquisados, foi por intermédio da mídia *online*, ou seja, de *blogs*, *sites* e portais, ficando em segundo lugar a recomendação de uma pessoa, que nesse caso aumenta de 14,2% em 2008 para 37,1% em 2018, indicando maior adesão, dos brasileiros aos *podcasts* ao longo desses anos.

Estes dados remontam à discussão apresentada na introdução deste trabalho, principalmente a criação de espaços dentro da rede e a cultura oposta ao isolamento que é criada dentro desses espaços (LÉVY, 1999). Movimento semelhante é descrito por Jenkins (2009) a partir do conceito de cultura da convergência. O autor discute vários exemplos de como funciona a cultura da convergência e um dos mais surpreendentes é o processo de *spoiling*¹⁰. Nessa situação vários fãs de um programa chamado *Survivor*¹¹ que se conectam a inúmeras tecnologias de informação para descobrir quem será o vencedor do programa.

Segundo Jenkins (2009), o *spoiling* direcionado ao *Survivor* mobilizou uma série de pessoas de diferentes áreas profissionais, por exemplo, uma agente de viagens e um historiador, que utilizavam seus conhecimentos para coletar qualquer pista que tivesse algum valor em suas investigações. Essas pessoas formavam comunidades e fóruns de discussão para que toda a informação coletada fosse compilada e reorganizada a partir de discussões nesses fóruns. Na medida em que as informações iam se acumulando, as comunidades ficavam mais próximas de descobrir os finalistas do programa e quem seria o vencedor. A partir desse fato, Jenkins (2009, p. 59) exclama “imagine os tipos de informação que esses fãs poderiam reunir se resolvessem utilizar o *spoiling* no governo, em vez de redes de televisão”. Aqui, pode-se imaginar essa mesma técnica aplicada à

¹⁰ Em tradução livre significa estragar, ou o processo de divulgar aquilo que ainda não foi publicado ou não chegou ao conhecimento de uma ou mais pessoas, estragando o primeiro contato dessas pessoas com o fato acontecido (relacionado principalmente a histórias, séries, filmes e novelas televisivas).

¹¹ Programa popular de sobrevivência norte-americano que iniciou a tendência *reality television* (JENKINS, 2009).

educação, em que, por meio de instrumentos como o *podcast*, os educadores e aprendizes poderiam trocar ideias, construindo cada vez mais conhecimentos.

Com relação ao tempo de ouvinte de *podcasts*, em 2008 havia um equilíbrio entre usuários que ouviam há menos de um ano aos que ouviam há três anos. Já em 2009, o grupo que abrange menos de um ano até dois anos concentra a grande maioria dos ouvintes, confirmando que cada vez mais se aderiu ao *podcast*. Em 2014, há novo equilíbrio distribuído entre pessoas que ouviam há um a dois anos até quem ouvia há mais de quatro anos, o que indica menor grau de adesão, porém fidelização por parte dos que já haviam aderido à escuta do *podcast*, e, em 2018, há um destaque (mais de metade da amostra) para aqueles que escutam *podcasts* há mais de 4 anos. Essa fidelização apresentada no tempo de ouvinte se assemelha ao número de horas dedicadas à audiência de *podcasts*. Há um aumento significativo da média semanal de 2008, com três horas dedicadas, a 2018 com quatorze horas dedicadas.

Esse fenômeno de fidelização pelo *Podcast* observado na Podpesquisa, pensado em termos educacionais, poderia ser utilizado para melhorar a relação entre alunos e disciplinas nas escolas. A pesquisa denominada “Arquivos de Áudio (*podcasts*) para divulgação de Ciência no Ensino Médio”, realizada por Bernardes (2008), indica como resultados a melhora do interesse pelas disciplinas de mais dificuldades no colégio e, conseqüentemente, a melhora das notas. Nesse estudo, os alunos pesquisavam sobre assuntos de várias disciplinas, elaboravam um roteiro e produziam um *podcast* para atingir o objetivo de divulgação das ciências entre os alunos do Ensino Médio.

O tempo ideal de duração para um *podcast*, de acordo com os usuários, passa de um equilíbrio entre menos de 30 minutos até 90 minutos em 2008, para uma maioria que prefere um *podcast* com mais de 90 minutos em 2014. Esse fator acompanha a evolução do tempo dedicado pelos ouvintes aos *podcasts* por semana. Porém, em 2018, a maioria deles volta a regular seu tempo dedicado para 60 a 90 minutos. A atenção dedicada na escuta do *podcast*, em sua maioria, é dividida com atividades de pouca dedicação entre 2009 a 2014, mudando para um alto grau de atenção ao *podcast* ouvido em 2018.

A questão do tempo de atenção ao *podcast* leva a uma conclusão prática, tendo em conta que o tempo e o tipo de atenção dado a cada programa se assemelha ao que se dá à aula de alguma disciplina. Assim, é possível se utilizar de *podcasts* como material de

apoio fora da sala de aula, ou utilizar-se destes como material de base para discussões em sala. Além disso, ainda pode-se considerar a possibilidade de produção de *podcasts* em sala de aula, para posterior audiência dos próprios alunos ou colegas de outras classes, como também a produção de *podcasts* em grupos, para serem ouvidos em sala como formatos de trabalho. As possibilidades são tão grandes quanto a criatividade de cada envolvido no processo.

Uma das principais características do *podcast* é a facilidade na sua produção e distribuição. Qualquer indivíduo que possua um computador e acesso à Internet tem a possibilidade de produzir um *podcast*, tornando essa prática fácil e de baixo custo, se comparada a outras formas de produção de conteúdo (GOHN, 2008).

É importante que o professor leve em conta, segundo Reis, Santos e Tavares (2012, p. 223), “o número de alunos existente na sala de aula, quais são as tecnologias disponíveis, a duração do tempo de sua aula, a interação pedagógica do grupo escolar, [...] e acima de tudo estabelecer uma relação saudável e empática com os alunos.” Imbricado a essa informação ainda comporta-se dizer que a aprendizagem significativa a partir das TIC também depende da disposição, interesse e motivação dos alunos, que se tornam parceiros dos professores nessa tarefa (REIS; SANTOS; TAVARES, 2012).

A maioria dos ouvintes segue *podcasts* nacionais, demonstrando a importância que se dá a estes, porém, também considera-se que *podcasts* de outras nacionalidades podem não ser ouvidos pelo não domínio de outras línguas dessa população.

Os temas que mais recebem audiência nos quatro anos de pesquisa estão relacionados a humor, entretenimento, TV, entrevistas, cinema, games e tecnologia. Porém, destacam-se os temas de ciências, educação e história, notícias e política que tiveram grande crescimento de interesse nos últimos anos. Este último destaque tem grande importância para esta pesquisa, pois demonstra que o *podcast* já é utilizado como meio de informação educacional, e o interesse por ciências, educação, história e política tem crescido consideravelmente. Uma parte desse crescimento, talvez, possa ser relacionada ao período político que se passou no ano de 2018 (ano de eleições), em que a política foi foco de intensas discussões e interesse por grande parte da população.

Considerações finais

Considera-se que os objetivos da pesquisa foram atingidos, visto que não apenas houve a caracterização do público que utiliza a ferramenta *podcast* no Brasil como também as interfaces com a educação, qualificando-o como recurso educacional. Ao basear o início da discussão sobre as TIC na educação, os autores trazem a relevância da proximidade das tecnologias com o público em geral, mostrando a necessidade de a educação absorver novos métodos de aprendizagem e novas relações que se fazem entre professor-aluno. Dentro do grupo das TIC há o *podcast*, que se destaca por seu baixo custo, acessibilidade e fácil manuseio. Essa mesma ferramenta caracteriza-se em três aspectos, o editado, o registro e o educacional.

Especificamente o *podcast* educacional, promove a possibilidade de haver aulas em formato continuado oferecendo, assim, a oportunidade de que o aluno possa manter um contato com a aula ou matéria explorada em outros horários e com possibilidades de imersões diferenciadas das expostas no tradicional ambiente escolar. Viabiliza-se, assim, que o comportamento do discente torne-se mais crítico e analise, a seu tempo, o conhecimento a ser explorado, retirando-o de vez do comportamento passivo e linear e levando-o a vivências críticas, complexas e autônomas.

A crescente aderência de novos ouvintes, apresentada nos resultados, demonstra um crescimento substancial nas áreas de História e Educação (de 15% para 52,6%), na área de Ciências (de 17,8% para 52,3%), e na área de Notícias e Política (34,1% para 41,9%), áreas correlacionadas à educação. Isso corrobora a possibilidade de utilização com públicos que estejam interligados aos processos pedagógicos, em ambiente formal e informal de aprendizagem, explorando as características da ferramenta em prol dos usos e aprendizagens de cada aluno, respeitando o tempo e a sequência de absorção do conhecimento.

Desta forma, dadas as diversas viabilidades do uso do *podcast*, pode-se pensar na sua utilização por parte de professores, que elaborariam desde uma aula até mesmo discussões com outros profissionais por meio deste instrumento e, por parte dos alunos, que podem proceder com a produção de discussões acerca de temas concernentes aos conteúdos aprendidos em sala, relacionados às suas vivências.

Além disso, a aderência do uso do *podcast* dentro dos ambientes de aprendizagem ou voltados como recurso educacional adjacente foram insuficientemente explorados no Brasil, apresentando, assim, novas possibilidades de pesquisa e utilização nos mais variados níveis escolares e seus espaços permeados pela práxis pedagógica. Inclusive, utilizando-se de diversos meios além do computador, como os celulares, especialmente com o advento da pandemia de Covid-19, que reforçou a utilização de novas tecnologias para a educação.

Em consequência da investigação exposta, percebe-se a necessidade de pesquisas referentes à fidelização de um público em outros níveis de ensino como o infantil, o fundamental, o ensino médio e o ensino técnico, além de pesquisas que abordem o uso de temas específicos, como sociologia, artes, filosofia, geografia dentre outros, no processo de formação inicial e continuada nas escolas e demais ambientes de aprendizagem.

Referências

ABPOD. CBN. **Podpesquisa**, [s.l.], 2018. Disponível em: <http://abpod.com.br/podpesquisa/>. Acesso em: 9 dez. 2018.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-currículum**. São Paulo, v. 7, n.1, p. 1-19, abr. 2011.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Integração das tecnologias de informação e comunicação na Educação do Brasil e de Portugal: convergências e especificidades a partir do olhar de professores. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 35, p. 171-196, 2 sem. 2012.

BENTO, Maria Cristina Marcelino; CAVALCANTE, Rafaela dos Santos. Tecnologias móveis em educação: o uso do celular na sala de aula. **ECCOM**, Lorena, v. 4, n. 7, p. 113-120, jan./jun. 2013.

BERNARDES, Adriana Oliveira. Arquivos de Áudio (*Podcasts*) para divulgação de Ciência no Ensino Médio. **Revista Tecnologias na Educação**, Campos dos Goytacazes, Ano I, n. 1, p. 1-6, nov. 2008.

CAMPANHOLI, Julie Anne Macedo. Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente. **Revista Primus Vitam**, São Paulo, n. 7, p. 1-16, 2 sem. 2014.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim (org.). **Atas do encontro sobre web 2.0**. Braga: CIEEd, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CURRY, Adam. Adam Curry. **Biografia**, [s.l.], 2018?. Disponível em: <http://curry.com/bio>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Potenciais cooperativos do *Podcast* escolar por uma perspectiva freinetiana. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 20, n. 63, p. 1033-1056, out./dez. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, Daniel Marcondes. O uso do *Podcast* como recurso educacional. In: XVII Encontro Nacional da ABEM, Diversidade musical e compromisso social: o papel da educação musical, 2008. **Anais [...]**. São Paulo, 2008, p. 1-7

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação. 2. ed. São Paulo: Aleph: 2009.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEMOS, André. Emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura. **Revista eletrônica 404nOtFound**, [s.l.], ano 5, v. 1, n. 46, n. p], jun. 2005. Disponível em: <http://saladeaulainterativa.pro.br/moodle/mod/book/view.php?id=2274>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

MEDEIROS, Leila Lopes. Políticas públicas de formação docente face à inserção das TIC no espaço pedagógico. In: COORDENAÇÃO CENTRAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (org.). **Educação a distância e formação de professores**: relatos e experiências Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2007. p. 23-34.

MEDEIROS, Marcello Santos. *Podcasting*: produção descentralizada de conteúdo sonoro In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2005, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: UERJ, 2005. p. 1-11.

MEDEIROS, Marcello Santos. *Podcasting*: um antípoda radiofônico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: UnB, 2006. p. 1-11.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 8. ed. Campinas: Editora Papirus, 2002.

PAULA, João Basílio Costa. **Podcasts educativos**: possibilidades, limitações e a visão de professores de ensino superior. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) –

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, Belo Horizonte, 2010.

REIS, Simone Rocha; SANTOS, Felipe Alan Souza; TAVARES, Jorge Alberto Vieira. O uso das TICs em sala de aula: uma reflexão sobre o seu uso no colégio Vinícius de Moraes/São Cristóvão. In: LINHARES, Ronaldo Nunes (org.) In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 3., 2012, Aracajú. **Anais [...]**. Aracajú: Universidade Tiradentes – UNIT, 2012. p. 215-228.

ROLIM, Francisco Jefferson Rodrigues. **A influência dos jogos eletrônicos na educação: uma abordagem sobre o lúdico no ensino da Matemática**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Computação) – Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, Patos, 2013.

STEVENSON, Dennis. **Information and communications technology in UK schools: an independent inquiry**. Londres, 1997. Disponível em: <http://rubble.heppell.net/stevenson/ICT.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2018.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba: Editora UFPR, n. 4, p. 79-97, 2014. Edição especial.

VANASSI, Gustavo Cardoso. **Podcasting como processo midiático interativo**. Monografia (Curso de Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

VIEIRA, Rosângela Souza. O papel das tecnologias da informação e comunicação na educação: um estudo sobre a percepção do professor/aluno. **Associação Brasileira de Educação a Distância**. Formoso - BA: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), 2011. v. 10. p. 65-70.

YONEZAWA, Wilson Massashiro. O papel da Tecnologia da Informação na EaD. In: YONEZAWA, Wilson Massashiro; BARROS, Daniela Melaré Vieira (org.). **Ead, tecnologias e TIC**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2013. p. 17-34.

Recebido em: 19/07/2019
Revisões requeridas em: 17/08/2021
Aprovado em: 15/09/2021

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 22 - Número 50 - Ano 2021
revistalinhas@gmail.com